

Governo anuncia que pagará US\$ 4 bilhões do débito externo brasileiro e faz risco-país cair 5%, apesar de o dia ter sido turbulento no mercado financeiro. Reserva cambial facilita a operação

Tesouro reduz dívida

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

O governo aproveitou a boa situação das reservas internacionais do país, hoje por volta de US\$ 63,5 bilhões, para dar mais um passo na melhora do perfil da dívida externa. A Secretaria do Tesouro Nacional anunciou ontem que vai recomprar bônus globais emitidos em dólar e euro com vencimento até 2030. O estoque total dos papéis que podem entrar na operação é de US\$ 23 bilhões, mas o Tesouro pretende reaver no máximo US\$ 4 bilhões. O objetivo é reduzir o endividamento total e melhorar o perfil dos juros da dívida externa.

O anúncio fez com que o risco-país caísse ontem. Até o fechamento desta edição, ele havia diminuído 5,09% e estava cotado em 261 pontos (2,61% acima dos juros dos títulos do Tesouro americano), apesar do dia ter sido muito tenso no mercado financeiro (leia mais na página 15). Por causa das regras que regem esse tipo de operação no mercado internacional, o Tesouro está impedido de falar oficialmente sobre o assunto. Declarações podem ser interpretadas pelas autoridades americanas como um esforço do governo brasileiro para fazer a transação ser bem-sucedida, o que é proibido pelas normas internacionais.

Segundo operadores de mercado que conversam diariamente com os gestores da dívida no Tesouro, decisão do governo não está necessariamente ligada à atual turbulência nos mercados, gerada pelas incertezas quanto à trajetória dos juros nos Estados Unidos. Mas o anúncio acabou ajudando a tranquilizar os investidores quanto aos fundamentos da economia brasileira. A percepção é de que a posição das reservas é tão boa neste

PRINCIPAIS AÇÕES FEDERAIS

O que fez o Tesouro para pagar a dívida externa

- Antecipou a quitação da dívida com o Fundo Monetário Internacional (FMI), pagando US\$ 15,5 bilhões no final do ano passado. O governo não renovou o acordo com o Fundo
- Quitou a dívida com o Clube de Paris no final do ano passado. O último pagamento foi de US\$ 2,6 bilhões
- Trocou os papéis chamados de C-Bonds por novos títulos, os A-Bonds, no valor de US\$ 5,6 bilhões
- Pela primeira vez na história brasileira, o governo emitiu um título da dívida externa referenciado em reais. A captação foi de R\$ 3,4 bilhões, valor equivalente em setembro do ano passado a US\$ 1,5 bilhão
- Desde o ano passado, recomprou US\$ 11,7 bilhões de títulos que venciam até 2010, dos quais US\$ 6,6 bilhões eram dos chamados Bradies

ENTENDA O ECONOMÊS

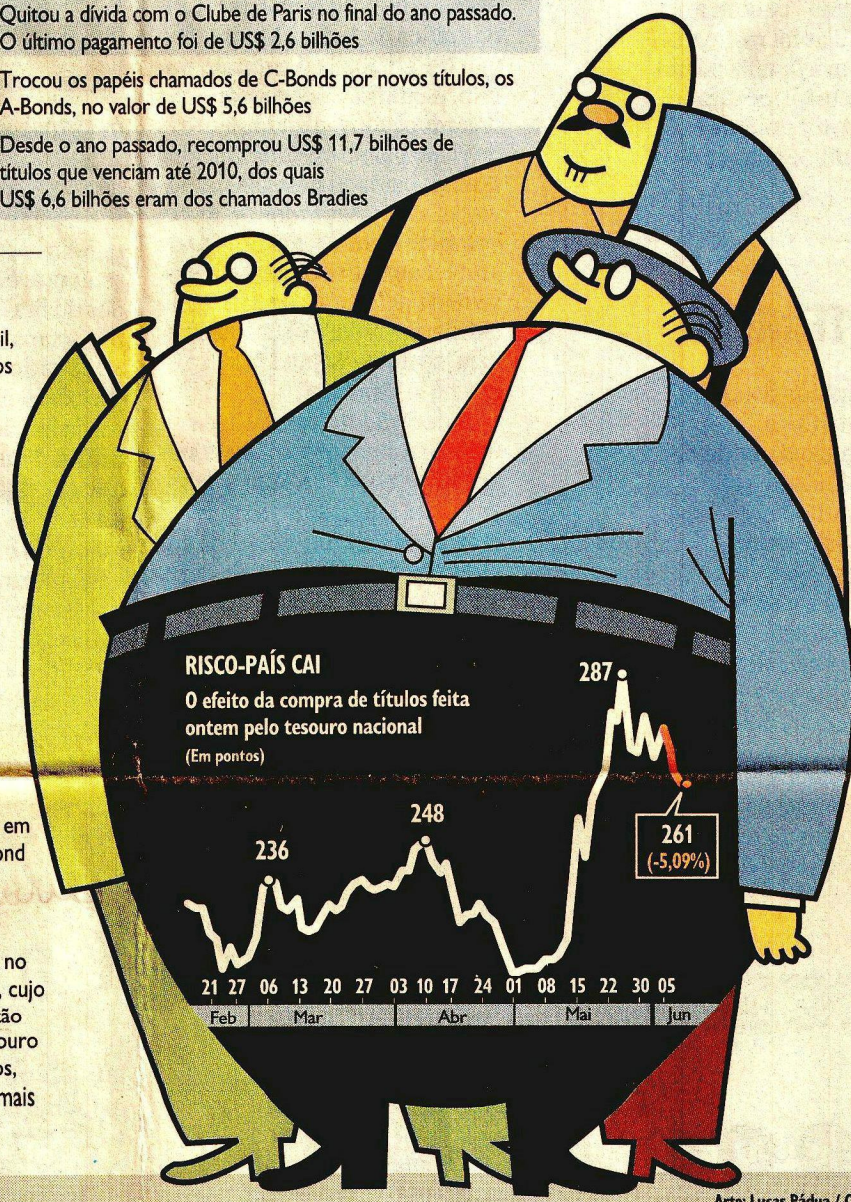
FMI: Organismo multilateral de crédito, nascido na conferência de Bretton Woods, depois da Segunda Guerra Mundial. A conferência criou também o Banco Mundial. O último acordo do Brasil com o Fundo, que implicou uma ajuda de US\$ 20 bilhões num primeiro momento, foi firmado no final de 1998 e várias vezes renovado até o ano passado

Clube de Paris: Grupo de credores privados do Brasil, que renegociou a dívida nos anos 80

C-Bond: Era o mais famoso dos sete títulos criados na renegociação da dívida externa brasileira em 1994, depois da moratória decretada em 1987. Como era originário de um calote, era mal visto no mercado. Muitos fundos de investimentos não podiam comprá-lo.

A-Bond: Novo papel da dívida externa emitido em substituição ao C-Bond

Bradies: Títulos oriundos da renegociação feita no início dos anos 90, cujo arquiteto foi o então secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicolas Brady. O mais famoso deles era o C-Bond



ração sendo fechada apenas na quinta-feira. Os detentores de 20 diferentes bônus (17 referenciados em dólar e três em euro) com vencimentos entre 2007 e 2030 poderão se apresentar no leilão e propor a venda por um preço determinado. Com base nas ofertas, o Tesouro vai estabelecer um "preço de corte". O resultado do leilão, coordenado pelos bancos Credit Suisse e Morgan Stanley, só será divulgado na sexta-feira. Os recursos para a compra sairão das reservas internacionais do país.

O leilão anunciado ontem foi mais uma medida, entre as várias tomadas nos últimos meses para melhorar o perfil da dívida externa (leia quadro), alongar seu prazo médio de vencimento e reduzir seu estoque. De acordo com os últimos números divulgados pelo Banco Central, o endividamento externo do Tesouro Nacional é de cerca de US\$ 75 bilhões, com prazo médio de 11 anos. No início do ano, o Tesouro anunciou o programa de recompra de títulos que vencem até 2010. A intenção é resgatar até US\$ 20 bilhões, incluindo os "bradies". Até agora, foram recomprados títulos no valor de US\$ 11,7 bilhões.

Outras medidas foram tomadas, como o pagamento antecipado de US\$ 15,5 bilhões para o Fundo Monetário Internacional (FMI), o que quitou a dívida com o organismo multilateral de crédito, trunfo que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva usará em sua tentativa de obter um segundo mandato nas urnas neste ano. O Tesouro encerrou também os débitos com o Clube de Paris, grupo de credores privados do Brasil, devolvendo o saldo restante de US\$ 2,6 bilhões. O principal objetivo de todas as ações é aproveitar as reservas para reduzir os encargos externos, melhorando a percepção de risco dos investidores estrangeiros.

momento que permite ampliar a recompra de títulos.

O Tesouro quer retirar do mercado títulos emitidos quando o risco-país, que mede o temor dos investidores de que o governo dê um calote na dívida, ainda estava muito alto. Os papéis que serão recomprados estão distorcendo o perfil de juros da dívida

externa como um todo, destoando da remuneração paga nos demais títulos. Como a situação do mercado hoje é favorável ao governo, os bônus devem ser recomprados abaixo do valor do lançamento, o que vai gerar uma economia no total despendido pelo Tesouro no pagamento do principal e dos juros.

Segundo um economista em contato direto com o Tesouro, o governo poderia até ter optado por trocar esses papéis por títulos de mais longo prazo, com vencimento em 2045, por exemplo. No ano passado, o Tesouro fez isso, ao substituir o estoque total de C-Bonds por novos títulos, denominados de A-Bonds. A

operação resultou na retirada do mercado de US\$ 5,6 bilhões em C-Bonds, títulos estigmatizados pelos investidores por ser um dos "bradies", papéis criados no contexto da renegociação da dívida brasileira, depois do calote dos anos 80.

O Tesouro vai receber ofertas ao longo da semana, com a ope-